



INTIMIDADES EM FUGA.

EM TORNO DE NAN GOLDIN

Curadoria de / Curated by Nuria Enguita

24/10/24-
31/08/25

MUSEU DE ARTE
CONTEMPORÂNEA
PISO -1

PT/EN



MAC/CCB

INTIMIDADES EM FUGA. EM TORNO DE NAN GOLDIN

Mas, ainda que todos saibam o que significam as minhas palavras, ninguém sabe o que querem dizer os meus suspiros ou os meus estremecimentos. Todos sabem o que significam os termos que utilizo [...] mas só eu sei o que quero dizer quando os digo. E isso – o que quero dizer, o querer que habita o âmago do dizer e não o significado das palavras – é o que faz com que ainda haja pessoas que queiram falar comigo.

Mais do que a palavra, a intimidade é a voz.

José Luis Pardo, *La intimidad*, 2004

O ÍNTIMO É POLÍTICO

Vivemos uma situação paradoxal: embora o direito à privacidade ou à intimidade pareça estar hiperprotegido por lei, a presença da *Big Data* nas nossas vidas e a monetização dos nossos dados pessoais vai crescendo exponencialmente. Sentimos que estamos a ser vigiados pelo *Big Brother* de Orwell, ou que vivemos no panóptico de Bentham; e, paralelamente, a revolução digital, as novas tecnologias da informação e da comunicação, e a emergência (em ambos os sentidos) das redes sociais e afins instigam uma presença feliz, excessiva, consentida e transbordante da intimidade. O espetáculo do *eu* parece dominar um presente que percorre o caminho da mercantilização da intimidade, que, através da publicidade, se esforça por fazer-nos sentir especiais, únicos, insubstituíveis. No entanto, essa intimidade, na sua sobre-exposição banalizada, parece ameaçar, inusitadamente, a própria intimidade. Como diria o filósofo José Luis Pardo em relação ao privado e ao público, «quando tudo é intimidade, nada é intimidade».

A questão da intimidade tem estado presente na construção do sujeito moderno, particularmente desde o momento em que ele próprio passou a ser um enigma a decifrar – simultaneamente sujeito e objeto do seu próprio conhecimento. Com o Século das Luzes, desenvolveu-se um processo de individualização do ser humano que, no entanto, atribuiu ao corpo (um corpo civilizado, separado da sua animalidade, ou mais precisamente à imagem do corpo, à aparência que torna o corpo uma questão pública) uma função de relevância na vida social e identitária. Tratando-se de uma marca de poder e pertença a uma determinada classe, este aspeto contribuía para a distinção do sujeito e para um sentido de comunhão com os seus pares. Progressivamente, a máquina civilizadora do colonialismo, impulsionada pelo projeto universalista da modernidade ocidental, penetraria, como uma poderosíssima ferramenta de assimilação, na intimidade, na vida, na psicologia, nos sonhos, desejos e lutas dos territórios colonizados.

Durante o século XVIII, aquele sujeito «moderno» encontrou no retrato um dispositivo eficaz para a autoafirmação pessoal e de classe. Porém, este não foi o único momento ao longo da história em que a intimidade revelou a sua pertinência no contexto das práticas artísticas. A intimidade pode ser vislumbrada também nos olhares místicos ou visionários que atravessam toda a arte; na pintura holandesa do século XVIII, quando a vida comum, o quotidiano, adquiriu uma dignidade, um estatuto que lhe permitia ser representado – «elogio do quotidiano», diria Todorov; no intimismo musical e literário; na estética idealista e no romantismo, onde a arte é expressão do «eu», e a singularidade da experiência gera o impulso criativo.

A intimidade também surge na transformação da narrativa literária na viragem do século XIX para o século XX, com o aparecimento de uma tendência introspectiva; na rejeição de referentes realistas na construção da abstração; e, em geral, no subjetivismo enquanto forma crítica perante uma realidade em crise e as suas normas estilísticas dominantes. Talvez o auge desta tensão entre o eu mais íntimo e o mundo, no século XX, tenha sido o surrealismo; e mais tarde, na década de 1960, com o aparecimento dos feminismos e a revalorização do popular em toda a sua amplitude semântica, os corpos e os afetos começaram a ganhar destaque. A arte feminista, em particular, tem-se caracterizado pela representação simbólica do opressivo e pela representação da vida privada e íntima das mulheres, muitas vezes abordando tanto o desejado e o enaltecido quanto o indizível, o abjeto, o proibido, o temido ou o estigmatizado.

A intimidade está fortemente ligada à reflexão e à consciência, à subjetividade, à autonarração e à autointerpretação. A atividade artística, possivelmente hoje mais do que nunca, é entendida como uma expressão do sujeito, daquilo que nele há de mais específico, singular e íntimo. Colocar a intimidade em evidência, dizê-la, expressá-la, expor os seus hábitos, estremecimentos e sonhos, e representar a interioridade é habitar a própria vida; é dar voz ao sussurro, e não ao discurso. Tomar consciência da vida (em conjunto) e procurar reconhecer e compreender subjetividades alheias é partilhar uma vulnerabilidade: é termo-nos e apoiarmo-nos uns aos outros.

Marina Abramović
Eileen Agar
Helena Almeida
Hans Bellmer
Louise Bourgeois
Victor Brauner
André Breton
Filipa César
Paul Delvaux
Rineke Dijkstra
Óscar Domínguez
Valie Export

Nan Goldin
Julio González
Félix González-Torres
Sanja Iveković
Chantal Joffe
On Kawara
Mike Kelley
Yves Klein
Zoe Leonard
Sharon Lockhart
Sarah Lucas
Ana Mendieta

Musa paradisiaca
João Onofre
Gabriel Orozco
Bruno Pacheco
Paula Rego
Cindy Sherman
Lorna Simpson
Mladen Stilić
João Tabarra
Wolfgang Tillmans
Adriana Varejão
Júlia Ventura

VANISHING INTIMACIES. SURROUNDING NAN GOLDIN

But whilst everyone may know the meaning of my words, no one knows what my sighs or tremors signify. Everyone understands the terms I use ... but only I know what I mean when I say them. And that—what I mean, the intention at the heart of my words, not just their meaning—is what keeps people wanting to talk to me. More than words, intimacy is the voice.

José Luis Pardo, *La intimidación*, 2004

THE INTIMATE IS POLITICAL

Today, we find ourselves in a paradoxical situation: whilst the right to privacy or intimacy appears to be hyper-protected by law, the presence of Big Data in our lives and the monetisation of our private data continues to grow exponentially. We feel as though we are being watched by Orwell's *Big Brother*, or living in Bentham's panopticon; and yet, simultaneously, the digital revolution, new information and communication technologies, and the rise of social media and similar platforms have instigated a joyful, excessive, and consented overflow of intimacy. The spectacle of the self seems to dominate the present, leading us down the path of commodifying intimacy, where advertising strives to make us feel special, unique, irreplaceable. However, this intimacy, in its trite overexposure, unexpectedly seems to threaten intimacy itself. As philosopher José Luis Pardo would put it regarding the private and the public, "when everything is intimacy, nothing is intimacy."

The question of intimacy has been central to the construction of the modern subject, particularly since this subject became an enigma to be deciphered—simultaneously the subject and the object of its own knowledge. With the Enlightenment came the individualisation of the human being, though this process assigned the body (a civilised body, separated from its animality), or more precisely the image of the body—the appearance that makes the body a public matter—a vital role in social and identity life. As a marker of power and belonging to a particular class, this contributed to distinguishing the subject and fostering a sense of communion with their peers. And gradually, the civilising machine of colonialism, a powerful tool of assimilation driven by the universalist project of Western modernity, would penetrate into the realms of intimacy, life, psychology, dreams, desires, and struggles of colonised territories.

In the 18th century, that "modern" subject found in portraiture an effective means of personal and class affirmation. Yet this was not the only time in history when intimacy proved its pertinence to artistic practice. Intimacy is also glimpsed in the mystical or visionary gazes that permeate art; in 18th-century Dutch painting, when ordinary life and the everyday gained dignity and status, allowing them to be

represented—an "ode to the everyday," as Todorov might say; in musical and literary intimism; in idealist aesthetics and Romanticism, when art became an expression of the self, and the singularity of experience fuelled creative impulses.

Intimacy also re-emerged with the transformation of literary narrative at the turn of the 20th century, with the rise of introspective tendencies; in the rejection of realist references in the construction of abstraction; and, more broadly, in subjectivism as a critical response to a reality in crisis and its dominant stylistic norms. Perhaps the height of this tension between the innermost self and the world in the 20th century was Surrealism. From the 1960s onwards, with the rise of feminist movements and the revalorisation of the popular in all its semantic breadth, bodies and affects gained prominence. Feminist art, in particular, has been characterised by the symbolic representation of oppression and the depiction of women's private and intimate lives, often addressing both the desired and celebrated as well as the unspeakable, the abject, the forbidden, the feared, or the stigmatised.

Intimacy is deeply connected to reflection and consciousness, subjectivity, self-narration, and self-interpretation. Artistic practice, perhaps now more than ever, is understood as an expression of the subject—of what is most specific, singular, and intimate within them. Bringing intimacy to the forefront, expressing it, revealing its habits, tremors, and dreams, and representing inner life means truly inhabiting life itself. It is about giving voice to whispers rather than engaging in discourse. Becoming aware of life (collectively) and striving to recognise and understand the subjectivities of others is to embrace vulnerability—to hold space for and support one another.

**Atividades Serviço
de Educação e Mediação**
Inscrições através de
servico.educativo.museu@ccb.pt

VISITAS GUIADAS

27 out, 17h00

Participação gratuita mediante inscrição prévia

25 jan, 16h00 / 15 fev, 16h00 / 22 mar, 16h00

12 abr, 16h00. Participação gratuita mediante
inscrição prévia e compra do bilhete de entrada
no museu

CURSO

MuseOut: o museu para lá do Museu

11, 18 e 25 jan, das 10h00 às 13h00

Máximo: 25 pessoas

Valor: 75€/pessoa

Conceção e orientação:

Maribel Mendes Sobreira e Andreia Coutinho /
colectivoFACA

PERFORMANCE

Título Temporário / Temporary Title

Xavier Le Roy (Conceção / Conception),
Scarlet Yu (Colaboração artística / Artistic
collaboration)

26 out / Oct, 13h00–19h00

Piso / Floor -1

Performers: Alexandre Achour, Alice Heyward,
Ben Evans, Christine De Smedt, Jorge Alencar,
João Martins, Julia Rodriguez, Luis Felix,
Neto Machado, Sabine Macher, Scarlet Yu,
Salka Ardal Rosengren, Sherwood Chen,
Zeina Hanna, Xavier Le Roy

DANÇA / DANCE

Aqui, agora, neste momento

Elizabete Francisca, Mariana Tengner,
Vera Mantero

24 nov, 17h00

Pequeno Auditório / Small Auditorium

Programação conjunta MAC/CCB

e Artes Performativas e Pensamento /

Joint programme by MAC/CCB

and Performing Arts and Thought



MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA E CENTRO DE ARQUITETURA

Centro Cultural de Belém

Praça do Império, 1449-003 Lisboa

T (+351) 213 612 878 / (+351) 213 612 913

Subscreva a Newsletter CCB

Subscribe to the CCB Newsletter

ccb.pt/newsletter

Siga-nos / Follow us

[@macccb.museu](https://www.instagram.com/macccb.museu)

[#macccbelem](https://www.facebook.com/macccb.museu)

